SUFIXAÇÃO NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA

Mário Eduardo Viaro (USP)

1. Introdução

O percurso diacrônico dos sufixos portugueses é muito pouco conhecido. Quando se concentra a atenção em um sufixo de alta produtividade, como é *-eiro*, observa-se que há uma diversidade semântica nos adjetivos e substantivos por ele formados. O sufixo, às vezes, está associado a profissões (*marceneiro*, *açougueiro*), às vezes, a árvores frutíferas (*pereira*, *macieira*), a palavras abstratas (*besteira*), a objetos em se guarda algo (*saleiro*, *açucareiro*), entre outros. A antigüidade desses significados não é a mesma.

É sabido que *-eiro* provém de *-arius*, que, no momento da queda das desinências causais, se teria transformado em **-ariu* e, posteriormente, por metátese, em **-airu* no latim vulgar. Daí, o sufixo *-ário* do português pode ser considerado uma forma divergente, de idêntica etimologia, reintroduzido em vocábulos eruditos.

No entanto, se do ponto de vista formal, essas transformações fonéticas são inquestionáveis, a modificação semântica e a distribuição lexical não é tão clara. O longo percurso da história do latim e sua transição para as línguas românicas reserva alguns problemas ainda não totalmente resolvidos.

2. O *corpus* e as etapas de trabalho

O presente trabalho coletou todas as ocorrências de *-eiro(s)*, *-eira (s)* num *corpus* representado das 420 cantigas de Santa Maria, de Afonso X (1252-1284), que foram compostas no último quartel do século XIII (entre 1274 e 1282). Ao todo, extraídos os casos que não tinham relação com *-arius* (*mosteiro*, *cheiro*, *lazeira*) e outros de etimologia duvidosa (*fazheiro*, *beira*) foram obtidos 84 vocábulos. Um exame da etimologia desses vocábulos mostra que sua formação se deu em momentos diferentes. É possível separar os seguintes momentos de formação:

- a) Vocábulos documentados no período dos séculos VII a III a.C., cuja listagem formaria um vocabulário latino arcaico.
- b) Vocábulos documentado no período pré-clássico e clássico (séculos III a.C. a I d.C.)
- c) Vocábulos documentados no período tardio do Império (séculos II a V d.C.)
- d) Vocábulos documentados na Alta Idade Média (séculos V a XI)
- e) Vocábulos hipotéticos do latim vulgar das épocas (b) e (c)
- f) Vocábulos hipotéticos de caráter regional ‘romances’ (séculos IX a XIII)
- g) Vocábulos documentados nas línguas românicas na época (f)

Na prática, é difícil reconhecer as etapas, uma vez que o latim escrito falseia as características fonéticas que facilitariam o reconhecimento do período. Dessa forma, num texto posterior ao séc. IV encontra-se *homicidiarius* (Pan. ad Const. 4), palavra que gerará *omezieiro* (213:94), também presente em castelhano (COROMINAS sv. “*hombre*”). O significado é o mesmo: “homicida”. Duas dúvidas se impõem, com referência à formação e ao significado:

- 1) A palavra *omezieiro* é fruto de tradição contínua de *homicidiarius*? A manutenção do conteúdo semântico que as une e as transformações fonéticas justificariam uma resposta afirmativa a essa indagação.
- 2) Dada a raridade de abonações é possível admitir que sejam formações independentes, ou seja, frutos, respectivamente, de *homicidium+arius* e de *omezio+eiro*? Outros casos, em que há significados completamente distintos (*carnarius* “local em que se coloca a carne, isto é, o corpo do defunto=túmulo” e *carneiro* “animal útil por causa da carne, em oposição àquele que servia para a procriação”), mostram que essa hipótese não é de todo absurda.

Uma terceira dúvida também apareceria, embora não seja aplicável nesse caso específico, devido à datação de *homicidiarius*: a forma latina documentada não se trata de uma transposição do romance para o latim? Ou seja, *homicidiarius* não seria uma forma

latinizada do romance que gerou *omezieiro*? Uma pesquisa sobre a localidade dos manuscritos em que aparecem *homicidiarius* poderia ser um índice.

Embora as pesquisas sobre esses assuntos estejam apenas iniciando, serão apresentadas neste trabalho algumas soluções.

3. Análise cronológica dos dados

Das palavras cuja etimologia se encontra documentada nos textos latinos das etapas (a), (b) e (c) listadas acima, citem-se, com certeza, *primeiro*, *terceiro*, *ceveira*, *dinheiro*, *obreiro*, *senlheiro* e *febreiro*, de *primarius*, *tertiarius*, *cibaria*, *denarius*, *operarius*, *singularius*, *februarius* (8,43%). Todas elas passaram para o latim vulgar, embora nem todas sejam documentáveis no romeno e, no caso de *senlheiro*, apenas na Península Ibérica. Observa-se a preponderância do valor adjetivo das palavras derivadas nessas palavras antigas. O traço semântico relativo a profissões desponta apenas em *operarius*, que origina *obreiro*. Além dessas, outras palavras também poderiam ser incluídas: *cavaleiro*, *escudeiro*, *usureiro*, *lumeeira* (4,81%), mas o significado mudou das etapas (a) e (b) para (c) e (d): *caballarius* “que monta mau cavalo” passou a significar “cavaleiro”, *scutarius* “fabricante de escudo” tornou-se “quem carrega o escudo”, *usurarius* “relativo ao uso” tornou-se “que vive de lucro”, *luminaria* “que produz luz” tornou-se “vela”.

Alguns termos surgem no latim tardio, da etapa (c), com valor de profissões. Listem-se, com certeza, *pegureiro*, *porteiro* e *figueira* de *pecurarius*, *portarius*, *ficaria* (3,61%), que também passaram para o latim vulgar. O termo *ficarius* “relativo a figos” já significava “figueira” sob a forma *ficaria* no séc. IV e tem distribuição irregular no latim vulgar, uma vez que só aparece no Norte da Itália e na Península Ibérica. Somadas a essas estão palavras com forma ou valor semântico alterado: *caldeira* e *fogueira* (2,41%). A forma *caldarium* “relativo ao calor” tornou-se “caldeirão”, já no séc. IV, mas a forma **caldaria* é vulgar; *focaria* “cozinheira”, palavra tardia gera o sentido vulgar pan-românico, não-documentado, de “fogueira” na mesma época.

Importantes para a caracterização de um latim medieval ibérico são vocábulos documentados na etapa (c) e (d) são: *tesoureiro*, *terreiro*, *baesteiro*, *semedeiro*, *merceiro*, *omezieiro* de *thesaurarius*, *terrarium*, *ballistarius*, *semitarius*, *mercedarius*, *homicidiarius* (7,23%). Todas essas formas sobreviveram na Península Ibérica, mas provavelmente tiveram uso mais amplo no final do Império. Além dessas, duas outras palavras: *denteira* e *seeleira* (2,41%) podem gerar dúvidas, mas são provavelmente referentes às etapas (f) ou (g). A palavra *denteira* no sentido de “careta em que se mostram os dentes” parece ocorrer só no português e é derivação tardia de *dentarius* “referente aos dentes”. Também a palavra *seeleira* “bolsa para guardar selos” é derivação tardia exclusiva do português, embora haja *sigillarius* “fabricante de selos” em inscrições tardias.

Somadas a essas, encontram-se duas outras palavras, a saber, *maneira* e *ribeira* (2,41%), cujas etimologias são documentáveis nas etapas (a), (b) e (c), mas adquirem sentidos específicos na etapa (d): *manuaria* provém de *manuarius* “relativo às mãos”, donde “habilidade, modo, maneira”; *riparia*, de *riparius* “relativo à margem”, donde “terreno adjacente às margens do rio”. Esses significados aparecem documentados no latim medieval (*riparia* aparece com este sentido em 1021) e foram cunhados regionalmente, provavelmente na França, de onde irradiou para toda a Europa Medieval, inclusive Portugal. Também devem ter surgido na França, na etapa (e), formas como **carraria*, **companarius*, **archarius*, **marinarius*, **werrarius* que aparecem em outras línguas românicas (mas não no romeno), entre elas o português: *carreira*, *companheiro*, *arqueiro*, *marinheiro*, *guerreiro* (6,02%).

Quanto à etapa (f), o iberorromance gera formas presentes tanto no português quanto no castelhano (38,55%): *monteiro*, *certeiro*, *arteiro*, *moleira*, *parleiro*, *vozeira*, *dereitureiro*, *justiceiro*, *covilheira*, *verdadeiro*, *torticeiro*, *evangelisteiro*, *cabeceira*, *caleiro*, *vidreira*, *mentireiro*, *outeiro*, *postremeiro*, *fronteiro*, *duradeiro*, *herdeiro*, *falcoeiro*, *mandadeiro*, *dianteiro*, *sombreiro*, *esmoleiro*, *prazenteiro*, *carneiro*, *cordeiro*, *solteiro*, *tendeira*, *despenseira*. A esses, devem-se incluir formas que são presentes apenas no português, isto é, características de uma etapa (g): *terreiro*, *vertudeiro*, *sabedeiro*, *azinheira*, *giesteira* (6,02%). Outras, formaram-se independentemente, com sentidos

diferentes no castelhano e no português: *grueiro*, *pedreiro* (2,41%). Por fim, algumas formas só aparecem no castelhano em registro dialetal e tardio: *regueiro*, *costeira*, *terranteiro* (3,61%).

Ainda na etapa (g), decorrentes de outros romances, aparecem palavras de origem estrangeira. Comuns ao iberorromance e ao provençal estão: *ovelheiro*, *capeirão*, *mercadeiro* (3,61%). Do francês provêm *ligeiro*, *mineira*, *barreira*, *peleteiro*, *fronteira* (6,02%). Do francês ou do italiano: *taboleiro*, *romeiro* (2,41%).

Se se separam duas etapas: uma que inclua de (a) a (e), anteriores às línguas românicas e outra, posterior à escrita dessas línguas, isto é, (f) e (g), obtêm-se os seguintes valores: 29 palavras (34,94%) foram formadas e mantidas durante o primeiro grupo e 54 (65,06%) a partir do segundo. Isso mostra que a produtividade de *-arius* ampliou-se muito no iberorromance. Se se imagina uma terceira etapa, até os dias de hoje, observa-se que dessas 83 palavras, 65 ainda se usam ou, ao menos, estão abonadas no dicionário *Houaiss* (78,31%).

4. Análise morfológica e semântica dos dados

Do ponto de vista da derivação, *-eiro* forma substantivos e adjetivos que podem ser denominais, deadjetivais, deadverbais ou deverbais. Todavia, nem todas as possibilidades foram produtivas em todas as épocas.

Dos séculos VII a.C. a I d.C. (7 exemplos) há, no *corpus*, apenas substantivos denominais e sobretudo adjetivos deadjetivais. O único caso de substantivo deadjetival é *dinheiro*. Apenas uma ocorrência de substantivo com valor semântico de “profissão” (*obreiro*). Paralelamente, com datação entre III a.C. e V d.C. (11 exemplos) só há substantivos (denominais e deadjetivais), dos quais muitos (45,45%) são profissões, há um crescente número de indicações locativas (*caldeira*, *ribeira*, *fogueira*) e um vegetal (*figueira*). Do latim tardio e medieval (6 exemplos), continua a predominância de substantivos denominais, mas também há adjetivos (um deadjetival e outro deverbal: *merceiro*). Paralelamente, as formas hipotéticas (ao todo 5 exemplos) para o intervalo

entre III a.C. e XIII d.C. aponta para a maioria de substantivos denominais, a maioria denotadores de profissões.

As formas mais recentes, do séc. IX a XIII (ao todo 54 exemplos) são sobretudo substantivos denominais (55,55%) seguidos de adjetivos denominais (14,81%), adjetivos deadjetivais e denominais (ambos com 11,11%), substantivos deadjetivais (9,26%), adjetivos deverbais (5,55%), substantivos deverbais (dois exemplos: *mercadeiro*, *mandadeiro*, 3,7%), adjetivos deadverbais (um exemplo: *dianteiro*, 1,85%). Dessas palavras mais recentes, 29,63% são profissões, mas há outros derivados que possuem o traço [+humano], como *solteiro*, *herdeiro*, enquanto um número significativo (12,96%) tem um traço durativo evidente (*parleiro*, *mentireiro*, *prazenteiro* etc.) ou um valor locativo (*moleira*, *cabeceira*, *outeiro*: 12,96%), mas apenas dois exemplos de vegetais (*azinha*, *giesteira*: 3,7%).

No mesmo período, é interessante observar que uma outra fonte que detalhe melhor o que aconteceu nesse período: o dicionário Houaiss, que acusa predomínio do nome de vegetais (60%) e de profissões (20%) no séc. IX e X. Para o século XI abonam-se, ao lado dos vegetais (30,77%) e das profissões (23,08%), sobretudo palavras com valor locativo (38,46%). No século XII, computam-se 18,51% de vegetais, 37,04% de profissões (sem falar que aparecem, pela primeira vez, casos afins, associados à função, mas sem o traço [+humano]: *falcoeiro*, *podadeira*) e 22,22% de locativos. No século XIII, num *corpus* de 117 termos, as profissões somam 44,44%; os locativos aparecem em 14,53%; os vegetais, em 9,4%. Nesse século computam-se ainda adjetivos: 6,84%, assim como algumas palavras esparsas com o traço [+humano], mas não referentes a profissões (*solteiro*, *herdeiro*, *companheiro*, *quinhoeiro*) ou palavras sem o traço [+humano], mas com algum valor funcional (*coelheiro*, *grueiro*). Pela primeira vez, os valores locativos parecem gerar significados referentes a conjuntos homogêneos (*nevoeiro*) ou a doenças (*pulmoeira*).

5. Conclusões

De tudo o exposto, parece ser possível traçar alguns percursos semânticos com referência a *-eiro* no português:

1) O valor prototípico de *-arius* é o formador de adjetivos deadjetivais. Aparentemente há nele um valor de reforço puro, o que justificaria formar *primarius* de *primus*, *tertiarius* de *tertius*, *singularius* de *singulus*. Esse valor nunca desapareceu no latim vulgar falado na Península Ibérica: *certo* de *certo*. Da mesma forma, as formas denominais cedo se tornavam substantivos: *operarius*, de *opera*, era inicialmente adjetivo, posteriormente substantivo com o traço [+humano]. Também *denarius*, de *deni*, era inicialmente um adjetivo, posteriormente um substantivo sem o traço [+humano], abrindo, dessa forma um precedente como o encontrado em *cibaria*, de *cibum*. Muito cedo, as formas com traço [+humano] passaram a indicar profissões, mas nem todas (*parceiro*, *companheiro*, *solteiro*).

2) O valor prototípico, dessa forma, gera derivados a partir de nomes de frutas, surgindo nomes de árvores frutíferas: *ficaria*, de *ficus*. A partir daí, o sufixo se associa a nomes de plantas, em geral (*rosa – roseira*). A produtividade de *-arius* com esse significado é regional (Norte da Itália e Península Ibérica). Nesse momento, a maior parte das formações são substantivos denominais.

3) Paralelamente, o sufixo com seu valor prototípico passa a indicar valores locativos (*terra – terrarium*, *ripa - riparia*).

4) Num estágio posterior, o romance iberorromânico, que apresenta o sufixo bastante produtivo para indicar profissões, transforma-o metaforicamente em indicador de função, quer de animais (*grou – grueiro*, *coelho – coelheiro*), quer de objetos (*podar – podadeira*). Nessa etapa, também surgem formas deverbais e deadverbais.

5) Outros valores para o sufixo aparecem de maneira incipiente, mas ganharão maior produtividade nos séculos subseqüentes.

Referências bibliográficas:

COROMINAS, J. *Breve diccionario etimológico de la lengua castellana*. Madrid, Gredos, 1994.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris, Hachette, 1934.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. (org.) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

MEYER-LÜBKE, W. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winters, 1981.

METTMANN, W. (ed.) *Cantigas de Santa María*. Madrid, Castalia, 1988. 3v.

_____. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1959-72. 4v.